

## **Humor no tempo presente brasileiro: Apontamentos a partir da obra de Luis Fernando Veríssimo**

Emerson César Campos

**Resumo:** No campo da História do Tempo Presente no Brasil, verifica-se a ausência de estudos que se concentrem na interface entre as diferentes linguagens da história cultural e política e da literatura brasileira; especialmente a que se vale do humor. Nesse sentido, o que apresento a partir de pesquisas realizadas é uma problematização das relações entre política e humor no Tempo Presente brasileiro, que analisa a ligação entre as violências da Ditadura Militar e a elaboração humorística em relação à época, ambas produzidas no Brasil. Para tanto, mobilizo a obra de Luis Fernando Veríssimo, cronista brasileiro popular no país e o mais lido escritor nacional no exterior. Nessa oportunidade, o humor é acionado como dispositivo de contestação e de desestabilização políticas. Examinado as diferentes manifestações de humor no Tempo Presente brasileiro expressas em crônicas, em tirinhas e em colunas de jornais, desenvolvidas por Veríssimo. Ademais, contendo as estratégias narrativas que utilizou para contornar a censura. Com o fim estabelecido, realizo escolhas de textos do autor, publicados em diferentes suportes, que carregam manifestações humorísticas. Sendo assim, relaciono-os aos acontecimentos e aos personagens que constituem parte considerável da história do nosso Tempo Presente.

**Palavras-chave:** Humor; Tempo Presente Brasileiro; Luis Fernando Veríssimo; Cultura; Política.

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

## **Humor in the brazilian present time: notes from the work of Luis Fernando Veríssimo**

**Abstract:** In the field of History of the Present Time in Brazil, there is a lack of studies that focus on the interface between the different languages of cultural and political history and Brazilian literature, especially humor. In this sense, what I present, based on the research carried out, is a problematization of the relationship between politics and humour in the Brazilian Present Time, analysing the relationship between the violence of the dictatorship and the humorous elaboration produced in Brazil. To do this, I mobilize the work of Luis Fernando Veríssimo, a popular Brazilian chronicler and the most widely read Brazilian writer abroad. On this occasion, humour is used as a device for political contestation and destabilization. I examine the different manifestations of humor in the Brazilian present expressed in the chronicles, comic strips and newspaper columns produced by Luis Fernando Veríssimo. Furthermore, I problematize the narrative strategies he used to circumvent censorship. To this end, I choose texts by the author, published in different media, which carry humorous manifestations and relate them to the events and characters that make up a considerable part of the history of our Present Time.

**Keywords:** Humor; Brazilian Present Time; Luis Fernando Veríssimo; Culture; Politics.

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

“No Brasil, o fundo do poço é apenas uma etapa.”  
(Luis Fernando Veríssimo)

“Eu desconfio que a única pessoa livre,  
realmente livre, é a que não tem medo do ridículo.”  
(Luis Fernando Veríssimo)

Em abril de 1989, numa entrevista à revista *Playboy*, o militar Jarbas Gonçalves Passarinho, ex-ministro da Educação do governo do ditador Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), contou de memória uma anedota ao jornalista que o entrevistava:

Os assessores da área de segurança ficaram apavorados. Então o ministro da Educação do governo Médici, Jarbas Passarinho, iria mesmo comparecer a um debate com 1 200 estudantes de um colégio católico de Brasília? O homem decerto estava louco. A época era de sequestros, terrorismo urbano, AI-5, censura à imprensa e aqueles rapazes e moças, influenciados na ótica dos assessores por perigosos esquerdistas, não haveriam de poupá-lo. Mas ele foi. Ambiente pesado, uma vaia aqui, risinhos irônicos ali. Começam as discussões. De repente, um dos jovens pede a palavra:

— Vou chamá-lo de ministro Jarbas Pássaro, porque não tenho intimidade com o senhor.

O auditório quase vai abaixo e os assessores se inquietam ainda mais. Sério, o ministro espera o silêncio voltar para responder:

— Por favor, não se constranja em usar o meu passarinho. Você não será o primeiro. Mas com uma condição: use moderadamente!

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

Assim que a entrevista foi publicada, ainda em 1989, eu tinha vinte anos e não havia percebido que existia algo para além do tom jocoso utilizado pelo ministro — por certo, divertido —, ou seja, não conseguia ainda alcançar a complexidade que abrangia o chiste feito por Jarbas Passarinho. Cinco anos mais tarde, e já próximo da conclusão do meu curso de Graduação em História, deparei-me com um escrito de Robert Darnton<sup>II</sup>, que cito: “Quando não conseguimos entender um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema, temos a certeza de que encontramos algo. Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranho. O fio pode até conduzir a uma pitoresca e maravilhosa visão de mundo”. A ideia de fio, suscitada por Darnton, está ligada à perícia usada por Carlo Ginzburg, em seu trabalho *O queijo e os vermes*, o que solidifica, com o auxílio de Giovanni Levi *et al.*, a inovadora micro-história.<sup>III</sup>

***Pues, vamos nós*<sup>IV</sup>: O humor**

As motivações de um pesquisador do humor são inegavelmente muitas, tanto de modo objetivo (para um historiador) quanto subjetivo (há realmente uma complexidade grande nele para além do riso que provoca?). Recentemente, pode-se afirmar que o humor de fato constitui um campo no sentido construído por Pierre Bourdieu<sup>V</sup>. Em um artigo perspicaz, Elias Thomé Saliba nos apresenta uma síntese do

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

estado da arte dos estudos sobre o humor. Com a presença marcante da História Cultural, expressa Saliba:

[...] já se produziu uma verdadeira biblioteca, com centenas de volumes, que nos legaram as mais variadas definições sobre o humor e o riso (daquelas que a vida inteira de um estudioso jamais esgotaria) e que nunca lograram sequer a esboçar uma categoria ou ao menos um princípio unificante para as formas cômicas e humorísticas. Mais do que noutras áreas temáticas, muitos estudiosos já reconheceram a singularidade das produções teóricas sobre o riso e o humor: cada autor parece começar sua reflexão do zero, supondo-a sempre original, ignorando em grande parte as tentativas anteriores de definição.<sup>vi</sup>

Seguir o que acima é colocado por Saliba impele a realização de uma apresentação do humor (nos limites colocados por um artigo) que considere as tentativas anteriores, ou seja, sua historicidade, uma vez que são imprescindíveis para o entendimento de um tema tão complexo. Adiciona ainda Saliba que partiu de uma condição generalizada do humor pelo mundo para, em outra oportunidade, descrever de modo particular a situação no Brasil. Acato, então, a sugestão de Saliba, do geral ao particular.

Em seu livro *Humor in America*, Lawrence E. Mintz afirma:

It has become conventional to begin scholarly studies with two standard disclaimers: an apology is offered for the fact that the study of humor is not, of itself, funny, and attention is directed to the apparent irony that though humor is itself trivial and superficial, the study of it is necessarily significant and complex. It is not quite clear what is expected that the study of humor be more amusing than, say, the study of sex is titillating, but

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

somehow it seems ineluctable that the reader be warned and comforted. So be it. This is not funny collections of essays. As to the second point, Humor is deceptively light, ephemeral, inconsequential, if it is so at all. Its perpetual disguise is, of course, that it is mere entertainment, amusement, just kidding, but most of the time the joking mode scarcely masks the fact that the issue at hand is most serious.<sup>vii</sup>

Lawrence E. Mintz, em sua atenta anotação, ressalta a importante diferença entre fazer humor e pesquisar sobre ele. Pesquisar humor, esta manifestação sociocultural, não é ter que fazer o leitor rir, embora pesquisador algum se sentiria decepcionado caso sua pesquisa fizesse algum leitor interessado sorrir. Aliás, seria um corolário dos efeitos do humor nas sociabilidades – neste caso, mesmo entre os pesquisadores – e da antítese da expressão “Ninguém leva o humor a sério”.

Foram décadas ou séculos de um renitente esforço em desclassificar o humor, a fim de o tornar sem serventia, decretando sua inutilidade para a razão prática, e, até ao menos a primeira metade do século XX, desprestigiá-lo enquanto potencial de categoria de análise para as sociabilidades que diferentes sociedades constroem. Entre os gregos antigos, Aristófanes, por meio da dramaturgia cômica, prestou grandes serviços à crítica aos sofistas e a seus discípulos, os demagogos, em larga medida, foram responsáveis pela degradação econômica, militar e sociocultural da Grécia na época. É isso que o dramaturgo faz em *As Nuvens*, e as leituras dessa peça, até o presente, em sua maioria, colocam-na como uma crítica bem-humorada

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

(quando muito) sobre as sociabilidades entre gregos antigos. Por ser cômica, pode-se nela inferir, considerada por muito tempo como uma crítica menor. Uma leitura semelhante foi feita por bastante tempo na obra de François Rabelais e, de forma sagaz, percebida por Mikhail Bakhtin em seu *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*.<sup>viii</sup> Bakhtin, pode-se dizer, em linhas gerais, que expõe como a literatura produzida por Rabelais, num primeiro momento e na entrada da modernidade (séculos XV e XVI), foi lida como parte da Grande Literatura, onde estariam Cervantes, Shakespeare, Camões e outros. Em seguida, no século XVII, a literatura de Rabelais, por meio de uma ação moralizadora<sup>ix</sup> de caráter profundamente religioso, cairia em desgracia, e passaria a ser vista como literatura menor, em outras palavras, “apenas” ridícula. Nesse sentido, é importante destacar *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco.<sup>x</sup> Nesse livro, que consolida Eco como um dos grandes do século XX, o escritor italiano parte de uma realidade (ainda que ficcional) do medievo, ambientada num mosteiro italiano, onde problematiza as crenças do alto clero de que o riso, a diversão e a comédia desviariam a sociedade do foco na espiritualidade, e sobretudo do temor a Deus. Um dos livros proibidos seria a segunda parte da *Poética*, de Aristóteles, dedicada à comédia.

### **Humor e Tempo presente no Brasil**

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

No Brasil, desde o último quartel do século XX até todo o ainda incipiente (e intenso) XXI, embora timidamente, alcançamos uma problematização acadêmica do humor como uma categoria de análise de nossas sociabilidades. Em uma bem-sucedida historicização do estado da arte das investigações sobre o humor no Brasil, realizada pelos historiadores Elias Thomé Saliba (USP), Thaís Leão Vieira (UFMT) e Leandro Antonio de Almeida (UFRB), logo na introdução do livro *Além do riso: reflexões sobre o humor em toda parte*, publicado recentemente (em 2021, durante a pandemia de COVID-19), pode-se encontrar o seguinte trecho:

Embora a história do humor no Brasil tenha mais de cem anos – com reflexões feitas em campos como a literatura, o teatro e a caricatura – esse tema é recente na área de história acadêmica, que ganhou corpo a partir dos anos 1980. Foi no ambiente intelectual marcado pelos pós-estruturalismos e pela História Cultural (Saliba, 2017) que historiadores como Marcos Antonio da Silva (1990), Elias Thomé Saliba (2002, 2011, 2018), Isabel Lustosa (1993), Mônica Pimenta Velloso (1996) e Raquel Soihet (1998) passaram a mobilizar vestígios das manifestações humorísticas para lidar com problemas e contradições, especialmente a modernidade na Primeira República (1889-1930). Sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro como recorte espacial, a República ganhou novas luzes e nuances quando vista pelo prisma do riso e do risível, através de manifestações como o samba e o carnaval, charges, caricaturas e paródias, crônicas e romances, palestras, música, rádio e teatro. Nesses estudos, o humor expressa os impasses de um tempo marcado pelas contradições e desigualdades da urbanização, industrialização e ruptura política institucional, que mobilizaram as indagações e expectativas de intelectuais, literatos e



HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

jornalistas sobre a construção “nacional”, então assombrada pela imagem do progresso civilizatório modelado pela Europa e reiterado por artefatos tecnológicos. Por meio de recursos corporais, visuais e verbais, essa imagem triunfante foi deslocada por diversos humoristas com crítica e irreverência (Ferreira; Vieira; Almeida, 2018).<sup>x1</sup>

A síntese supracitada é precisa e esclarecedora. A partir dela, faço algumas considerações: a princípio, é enunciada uma parte considerável dos iniciadores da exploração do humor como tema de pesquisa no Brasil. Percebe-se que os historiadores no Brasil iniciavam a vereda, rumo às pesquisas sobre o tema, há três décadas. As pesquisas realizadas e aqui citadas partem da influência do pós-estruturalismo e certamente dos estudos oriundos da História Cultural, que, a meu ver, têm sua maior visibilidade na década de 1990, a qual de fato possibilitou agregar aos conhecidos e clássicos temas da historiografia brasileira – escravidão, nação, império, república – a perspectiva encontrada a partir da atenta observação das manifestações culturais (de largo espectro) no Brasil. As chamadas contradições e problemas da cultura brasileira, usando a expressão colocada no excerto citado, são, logo, perspectivadas em diferentes suportes: literatura, artes, música, jornalismo, audiovisuais, história em quadrinhos, *memes* (recentemente), e demais produções visuais e gráficas. Essas incongruências do (des)ordenamento político (autoritarismo, ditadura e democracia) e social (a desigualdade) são

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

sintetizadas, com humor, por Luis Fernando Veríssimo, quando conclui que “No Brasil, o fundo do poço é apenas uma etapa”.<sup>xii</sup>

Assim, com esse breve historicizar, percebe-se que os estudos sobre humor no Brasil, ao considerar as contribuições citadas (e outras que não foram enunciadas aqui), constituem de fato uma senda ainda pouco trilhada. O grupo de estudos acadêmicos mais antigo (virtualmente) sobre humor e majoritariamente formado por historiadores é o História e Humor, criado em 2013, por iniciativa de Elias Thomé Saliba (USP), entre outros historiadores. Em 2018, já com um grupo maior de pesquisadores, Saliba e Leandro Antonio de Almeida (UFRB), os líderes, formalizam o grupo de pesquisa na Plataforma Lattes com o nome “Trilhas e circuitos do riso no espaço público brasileiro: comediantes, humoristas e pensadores (1880-1960)”.<sup>xiii</sup>

Nessa oportunidade, explico manifestações humorísticas no Tempo Presente brasileiro de 1960 até o corrente ano (2024). O período e o escritor Luis Fernando Veríssimo são propositalmente escolhidos, visto que permitem cartografar o humor brasileiro por meio da obra de um autor de alcance nacional, o que, melhor qualificando, significa pensar o presente como um passado que não passa<sup>xiv</sup>, devido, em particular, às violências que provocou (e provoca) em nossa esfera pública, em nosso (des)ordenamento político e social, e em nossa cultura. A Ditadura Militar, a chamada Abertura Democrática, o Brasil Pós-Plano Real, o recrudescimento político dos últimos anos e a volta do militarismo ao poder são temas fulcrais para a compreensão de

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

nosso passado e imprescindíveis para que acuradamente possamos entender o presente que nos cerca. Ao realçar o maior medievalista que conhecemos, que viveu como poucos historiadores o seu Tempo Presente e sendo, em suas próprias palavras, um homem (historiador) do seu tempo, Marc Bloch<sup>xv</sup> afirma que “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas não vale a pena esgotar-se para compreender o passado quando nada se sabe do presente”.

O Tempo Presente brasileiro pode, entre outras possibilidades, ter seu balizamento temporal. Seu marco inicial (no rigor do ofício) ocorreu com o golpe militar de 1964, que implantou um regime de sucessivos ditadores (foram seis entre 1964 e 1985). Quando nós, historiadores, acionamos a expressão “História do Tempo Presente”, nossa atenção de profissionais e do público não especializado é normalmente direcionada para a palavra “Presente”. Afinal, dada a forma adquirida pela disciplina histórica ao longo do século XIX, principalmente quando sua sistematização como área de saber científico passou a ser apresentada como a “ciência do passado”.<sup>xvi</sup> Dessa forma, e estando o historiador “submetido ao tempo em que vive”<sup>xvii</sup>, a tradicional demanda de que o passado pudesse explicar o presente por si só se tornou insuficiente para os historiadores. Sendo assim, na História do Tempo Presente, voltamos-nos à discussão acerca do quanto o presente tem de passado, bem como quanto esse tem de presente. Diante do exposto, uma História do Tempo Presente compreende uma

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

nova atitude metodológica diante dos problemas enfrentados pela historiografia e pela necessidade de formular reflexões que procurem abarcar a sociedade e as interações humanas que não mais cabem num mapa histórico desenhado no século XIX. Uma História do Tempo Presente pode ser uma contribuição importante para a discussão de fundamentos críticos da área.

Precisamente, por não se tratar de uma ideia que se antecipe à investigação, a História do Tempo Presente abre-se às atitudes metodológicas diversas e possibilita estratégias que põem em causa a necessária discussão sobre o tempo como experiência social e sobre quanto os fenômenos culturais abarcados pelas investigações historiográficas dependem do reconhecimento das interações entre o que François Hartog<sup>xviii</sup> chama de “regimes de historicidade”. É preciso marcar ainda que a História do Tempo Presente, como história do vivido, passou a ser necessariamente retomada, dada a demanda por compreender processos históricos que fazem parte da sociedade brasileira durante e após a ditadura. Por isso, e mais uma vez, é preciso discorrer sobre o humor no Tempo Presente, que considero uma forma possível de trabalharmos com aquilo que Henry Rousso<sup>xix</sup>, aplicando à França Pós Segunda Guerra, chamou de “última catástrofe”. Assim, é plausível que pese as sentinelas presentes para o nosso Tempo, perspectivando a nossa última catástrofe brasileira e tomando-a como iniciadora do Tempo Presente brasileiro.

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

Direção e sentido constituem o vetor cultural indispensável para uma sociedade que se vê fazendo sua própria história. Nessa dimensão, o humor nos possibilita o encontro com traços, sinais e manifestações que evidenciam uma bem tramada urdidura de “experiências” e “expectativas”, sintetizada na dimensão apresentada por Reinhart Koselleck<sup>xx</sup>, que considera que “não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”, sendo então o tempo uma experiência social que governa trajetórias individuais e coletivas. Essa nova atitude, diante de temas, a exemplo do humor, pode contribuir na abordagem de motes difíceis e densos “sem deixar de considerar o quanto há de indeterminado e frágil naquilo que constitui as relações sociais, uma historiografia engajada em seu tempo, inquieta e desenvolta, por vezes fugaz, como a vida”.<sup>xxi</sup>

### **Luis Fernando Veríssimo e o Tempo Presente Brasileiro**

Em uma situação recente, ocorrida em 7 de fevereiro de 2022, identifica-se que a experiência e a expectativa precisam formar um par para, como tal, subsidiarem as análises, as quais incluem as dos historiadores. Bruno Monteiro Aiub, conhecido nas redes sociais como Monark, apresentador do *Flow Podcast*, recebeu a deputada federal Tabata Amaral (PSB-SP) e o deputado federal Kim Kataguiri (DEM- SP) para uma conversa acerca da classificação de regimes radicais como sendo de direita ou de esquerda. Em um dado momento da conversa, Monark<sup>xxii</sup> afirmou: “Eu acho que tinha de ter o partido nazista

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

reconhecido pela lei”. A repercussão do dito percorreu o mundo e atravessou fronteiras. Inúmeras foram as manifestações públicas e contrárias ao apresentador. Uma delas, em particular, destaco aqui. No dia 14 de fevereiro de 2022, uma semana após a fala de Monark, Luis Fernando Veríssimo retweetou uma crônica que escreveu em 2011 e que integra um de seus livros, intitulada *Em algum lugar no paraíso*. Cito aqui um trecho:

Só é totalmente livre quem pode exercer a sua vontade sem qualquer limitação moral ou material. Isto é: o tirano. Assim, a liberdade suprema só existe nas tiranias, [...] O liberalismo clássico iconizou a Liberdade Para. Você é livre se tem liberdade para dizer o que pensa e fazer o que quer, para ir e vir e exercer o seu individualismo até o fim, ou até o limite da liberdade do outro. A ideia de que a verdadeira liberdade é a Liberdade De é recente. Livre de verdade é quem é livre da fome, da miséria, da injustiça, da liberdade predatória dos outros. A ideia é recente porque antes era inconcebível. Ser livre do despotismo era automaticamente ser livre para o que se quisesse, para a vida e a procura individual do paraíso. Foi preciso uma virada no pensamento humano para concluir que Liberdade Para e Liberdade De não eram necessariamente a mesma liberdade e outra virada para concluir que eram antagônicas. A última virada é a decisão de que uma liberdade precisa morrer para que a outra viva. Não concorde com ela muito rapidamente. Enfim, de todos os crimes que se cometem em nome da liberdade, o pior é a retórica. Mas eu desconfio que a única pessoa livre, realmente livre, completamente livre, é a que não tem medo do ridículo.<sup>XXIII</sup>

Veríssimo é jornalista, cronista, cartunista e músico de jazz (para ficar nesses quatro predicados). Em seus ditos e escritos, há sempre

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

humor (bom ou mau) e um sensível engajamento político relacionado à realidade que o cerca. Nascido em Porto Alegre (RS) em 26 de setembro de 1936, iniciou seus trabalhos como jornalista já próximo dos trinta e um anos, em 1967, e trabalhou no *Jornal Zero Hora* de Porto Alegre. Escreveu para a coluna sobre gastronomia e, na sequência, segundo o próprio, “escrevi também horóscopo”. Sobre esse início, Moacyr Scliar (outro grande da Literatura Brasileira), amigo e admirador do trabalho de Veríssimo, escreveu ainda em 2001 (originalmente na revista *Ícaro*):

A seção de gastronomia do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, parecia como outras seções do gênero, destinada às pessoas interessadas no tema. Lá pelas tantas, contudo, começou a chamar a atenção dos leitores em geral, inclusive desse que vos escreve. Os textos que nela apareciam eram surpreendentes – pelo talento e pelo humor. Não eram assinados, mas logo se descobriu que o autor, ainda desconhecido à época, tinha um sobrenome ilustre: era Luis Fernando, o filho do grande romancista gaúcho Erico Veríssimo.<sup>XXIV</sup>

Para Veríssimo, o humor é coisa séria e serve para tratar de qualquer assunto. Numa das inúmeras entrevistas que concedeu até o presente, o humorista sempre acaba afirmando que a literatura brasileira é tão bem-humorada quanto o povo brasileiro. Sempre preferiu crônicas a livros de romance, pois nesses é raro o humor, ou difícil de fazê-lo a cada duas páginas, por exemplo. Enquanto na crônica, por sua vez, nas mesmas duas páginas o autor liquida a piada e o texto. Além disso, ressalta que os cânones da literatura, aos quais

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

ele tem consideração e respeito, colocados na Academia Brasileira de Letras, estão nela por mérito. Mas que, a exemplo de seu pai, não se candidataria a uma vaga. Em geral, os imortais escrevem pouco sobre isso com humor. Para Veríssimo, o cômico está no ritual. Poucos imortais escreveram com humor, e cita Machado de Assis e João Ubaldo Ribeiro, “e paramos por aí”. Em sua coluna no *Estado*, em 2010, o autor explica as razões pelas quais nem ele e tampouco seu pai, Erico Veríssimo (a exemplo de outros escritores como Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade), aceitariam entrar para a Academia Brasileira de Letras. Assim se exprimiu:

Meu pai era contra qualquer tipo de formalidade ou solenização e acho que não se sentiria bem num fardão, apesar de ter amigos na Academia, e respeitá-la. Eu não me candidato porque não tenho uma obra literária que mereça a honra, nem o físico para o fardão, ainda mais depois que o Scliar (o escritor e imortal Moacyr Scliar) me contou que a gente não fica com a espada. Mas também tenho amigos lá dentro e respeito a instituição. Nada contra.<sup>xxv</sup>

Embora nosso autor pense que suas obras não estão à altura de torná-lo um imortal, ainda assim considera que o humor não é algo menor; menos ainda na literatura, e apresenta François Rabelais.

Reconhecido como um escritor engajado, Veríssimo continua sendo apresentado por Moacyr Scliar:

Luis Fernando Veríssimo é um grande escritor, uma unanimidade brasileira. No entanto, nem sempre foi assim. Ele era rotulado como “grande” – mas grande humorista. E, por uma espécie de preconceito cultural, achava-se que a Literatura com L maiúsculo e humor



HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

eram incompatíveis. Um texto literário tinha de ser, literalmente, um texto sério – no sentido carrancudo. Foi um dos grandes méritos de Veríssimo provar que isso não tem de ser assim. E por que ele é um grande escritor? Primeiro, porque cria personagens inesquecíveis, como a Velhinha de Taubaté, personificação da ingenuidade brasileira. Segundo, porque tem um soberbo domínio do texto. Veríssimo escreve como quem respira, mas esta respiração é sobretudo inspiração.<sup>xxvi</sup>

Ao associar dois personagens criados por Luis Fernando Veríssimo em um mesmo acontecimento<sup>xxvii</sup> num período intenso ao final do Regime Militar no Brasil, já na primeira metade da década de 1980, discorro sobre o *Analista de Bagé*<sup>xxviii</sup> e a *Velhinha de Taubaté*<sup>xxix</sup>. Com esses personagens citados, pretendo elucidar a junção entre o indivíduo e o coletivo no Tempo Presente brasileiro.

À luz do próprio Veríssimo, o analista de Bagé foi criado para ser um personagem num programa humorístico de Jô Soares. Inicialmente, pensou num garçom grosseiro; um gaúcho da fronteira trabalhando num restaurante francês, “Mais grosso que papel de embrulhar prego”. O analista inicia com a ideia de desajuste entre o profissional e a profissão. Publicado em 1981, em forma de crônica, nos jornais: *Zero Hora*, *Estadão*, *Folha de São Paulo* e *O Globo*; no último, circulou-se no formato de livro em sua primeira de mais de cem edições. Em seguida, seguiram-se as edições em quadrinhos e em peça de teatro, encenada inicialmente no Sul e Sudeste para ganhar o país inteiro mais à frente. A versão em quadrinhos possibilitou à revista *Playboy* publicar uma série do tema, de 1983 até 1992. A técnica mais aplicada pelo analista em seus pacientes é o famoso *joelhaço*, que

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

consiste na superação de uma determinada dor por outra muito maior. O humor do analista é uma autêntica cartografia do saber popular, das experiências ordinárias de um homem comum<sup>xxx</sup>, racionalizadas pela sua formação psicanalítica, o que lhe permite ser, segundo o escritor, mais ortodoxo que reclame de xarope.

A *Velhinha de Taubaté* tem sua primeira edição em outubro de 1983. Segundo Veríssimo, a personagem é uma figura alienada num país (des)governado pela ditadura. A Velhinha seria a última pessoa a acreditar no governo de João Baptista Figueiredo, o último ditador militar. Escreve Veríssimo sobre a Velhinha:

Não se sabe exatamente o seu endereço, mas tudo indica que seja em Taubaté. Outros detalhes – nome, estado civil, CIC – são desconhecidos. Sabe-se apenas que é uma velhinha, que mora em Taubaté e que passa boa parte de seu tempo sentada numa cadeira de balanço assistindo ao Brasil pela televisão. A velhinha de Taubaté é o último bastião da credulidade nacional. Ninguém acredita mais em nada nem em ninguém no país, mas a velhinha de Taubaté acredita.<sup>xxxi</sup>

Nas duas trilhas para um mesmo ocaso – da ditadura militar –, percorridas pelos personagens, muito se tem a entender acerca de um país que atravessa tal regime, que resiste a ele sob formas diferentes e, nesse sentido, sobre as manifestações culturais. Um olhar mais acurado e atento por meio do humor posto por Veríssimo certamente permite-nos uma compreensão mais elaborada de um Brasil Profundo, que encerra sobretudo uma cultura política enraizada em valores inscritos na lápide fixa da tradição. Infiro aqui nesta oportunidade que

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

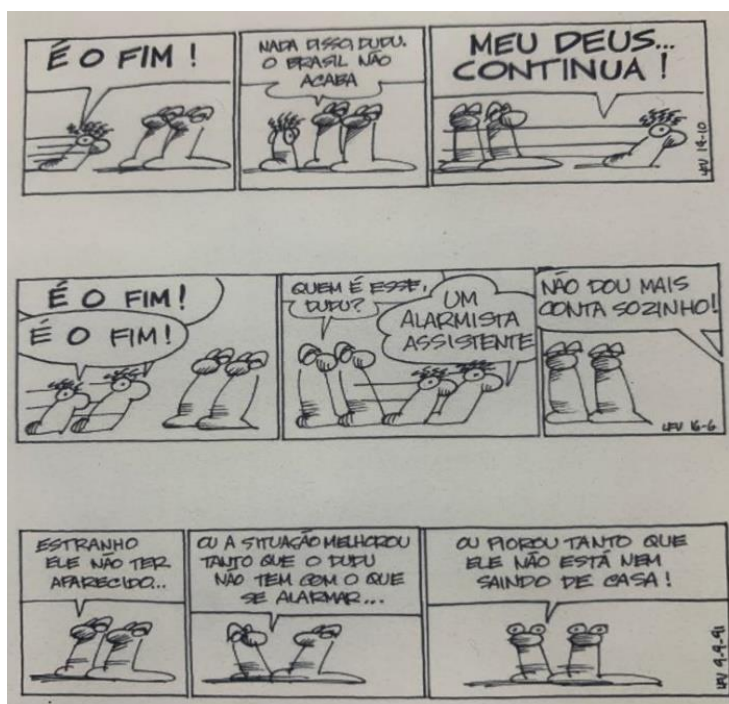
um Brasil Profundo<sup>xxxii</sup> é constituído por pessoas provenientes do interior do país, de cidades de médio e pequeno porte, que se somam a uma urbanidade de diferentes experiências e temporalidades matizadas nos grandes centros.

Por último, indico algumas veredas exploradas por Luis Fernando Veríssimo, parte do Tempo Presente aqui incipientemente apresentado. Anterior à década de criação do *Analista de Bagé* e da *Velhinha de Taubaté*, Veríssimo, a exemplo de outros tantos escritores e artistas, optou por trabalhar com textos mais curtos, mantendo, porém, a densidade das ideias e, para isso, criou personagens em quadrinhos. Aqui, destaco *As Cobras*, tirinhas que, de acordo com o autor, foram produzidas exatamente para aproveitar a brecha na respeitabilidade do humor em relação aos órgãos de censura, que não queriam ver crônicas ou textos discutindo nomes polêmicos, tais como Leonel Brizola e Dom Helder Câmara. O humorista criou, então, cartuns e tirinhas, e *As Cobras* é uma expressão bem-humorada sobre esse período. Publicadas em tirinhas em diferentes jornais do Brasil, Veríssimo trabalhou com *As Cobras* entre 1975 e 1997. As personagens principais são duas cobras, as quais Veríssimo não atribui nomes, que são acompanhadas de outros personagens, a exemplo de Dudu, o alarmista, que é uma cobra de expressão assustada e neurótica, que sempre passa correndo lançando um trocadilho a respeito dos problemas do mundo de forma hilária e perturbadora. Para elucidar (e

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
 APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
 CAMPOS, E. C.

não apenas ilustrar), deixo anotada aqui uma pequena sequência de tirinhas de *As Cobras*:

Figura 1 – *As Cobras*



Fonte<sup>xxxiii</sup>

*As Cobras* enredam as narrativas de Luis Fernando Veríssimo quando escrever era perigoso em demasia, o que explica a sua escolha pelo *cartum* de traço simples, pois “fazer cobra é muito fácil, só tem pescoço”. Assim como o *Analista de Bagé*, *As Cobras* foram publicadas por diferentes jornais, entre eles: *Estadão*, *Folha*, *O Globo* e *Zero Hora* (nesse último, foram publicadas pela primeira vez) entre 1975 e 1997. Os assuntos eram os mais variados, mas todos inseridos no cotidiano de nosso Tempo Presente: futebol, política, economia, visões de mundo e universo. As personagens centrais não nominadas apresentavam suas

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

impressões e eventualmente recebiam o apoio de coadjuvantes, dada a necessidade do momento. Entre tais personagens secundários, destaca-se Queromeu, o corruipião corrupto; o já mencionado Dudu, o alarmista; Flecha e Shirlei, um casal de caracóis que está sempre andando feito a abertura democrática, isto é, lentamente; Tia Jiboia; Sulamita, a pulga lasciva; Mark Eting, a pesquisadora; Zé do Cinto; Gerson; Alves Cruz; entre outros. As tirinhas de *As Cobras* indicam muito a capacidade de Veríssimo de tensionar e de desestabilizar a própria cultura política brasileira no Tempo Presente, seja pelo recurso a temas caros à nossa historiografia (reacionarismo, classes dominantes, a (in)consciência nacional, o ocaso do país), seja pela arte de fazer humor a partir das violências que nos assolam. Colocado pelo artista, o humor parece habitar a nossa zona de desconforto, o que desestabiliza lugares comuns de nossa cultura política e, simultaneamente, fragiliza nossa sisudez, sem perder a seriedade da situação quase sempre ridicularizada.

Rapidamente elucidado a crônica intitulada *O comunista comeu o jacaré!*. Nela, o humorista indica partir daquilo que, entre outros, Marionilde Dias Brepohl Magalhães<sup>xxxiv</sup> chama de lógica da suspeição, pela qual cada cidadão é potencialmente um informante, ou seja, é alguém sempre disposto a desconfiar da moral, particularmente, política de todos. Sempre há um comunista debaixo da cama!

Mais interessante é perceber o período de escrita da crônica e da tirinha. A crônica citada foi publicada em 1983 – a primeira edição da

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

*Velhinha de Taubaté*. Velhinha e interiorana, ela teve vida longa, pois “nasceu” em 1915 e foi “morta” por seu criador em 2005: teria “vivido”, pois, 90 anos. A coluna de Veríssimo, no dia 25 de agosto de 2005, no *Estadão*, versa simultaneamente sobre o atestado de óbito e o panegírico do seu criador à Velhinha (de Taubaté)<sup>xxxv</sup>. A considerar-se o espaço temporal ocupado pela publicação da *Velhinha de Taubaté*, verifica-se de imediato que ela “nasce” (em 1983) no início da chamada abertura democrática, no último governo da ditadura militar, e “morre” (em 2005) durante o “escândalo” do mensalão. É esse passado que não passa que historiadores do Tempo Presente se dedicam a analisar e que, de modo humorístico, nos é narrado por Luis Fernando Veríssimo. Para uma história de matiz francesa quadripartite, a ditadura e suas violências se encerraram em 1985 com o fim da ditadura militar. Para o narrador Veríssimo, nossa abertura democrática é muito mais lenta e pouco ou nada gradual, ao que posso acrescentar o adjetivo *inacabada*<sup>xxxvi</sup>. Os historiadores do Tempo Presente nos têm colocado quanto à (im)possibilidade de historicizar nosso próprio tempo sem, a rigor, situá-lo como um tempo qualitativamente distinto e separado do passado (e do futuro), o que implica afirmar que possamos (eu diria até mesmo “devamos”) hereticamente rejeitar a ideia segundo a qual o nosso Tempo Presente precise estar inserido exclusivamente na métrica cronológica. Uma das epígrafes deste artigo, de autoria de Luis Fernando Veríssimo, encerra com precisão este Tempo Presente aqui referenciado: “As datas

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

deveriam nos fixar no tempo como coordenadas geográficas nos fixam no espaço, mas a analogia não funciona.”<sup>xxxvii</sup>

Entre as implicações à cultura política nacional, experimentada no nosso Tempo Presente, Rodrigo Patto Sá Motta<sup>xxxviii</sup> problematiza em muitos dos seus escritos a Ditadura Militar representada (publicada) pela imprensa brasileira (da qual Luis Fernando Veríssimo faz parte desde 1967). Parte substancial dos trabalhos de Motta contestam as representações da nossa cultura política, que inclui caricaturas e outros cartuns que desestabilizam (e provocam) alguns cânones de nossa cultura política, a exemplo de repressão e autoritarismos apresentados em expressões gráficas de humor. Os estudos sobre humor no Tempo Presente brasileiro ainda são “novidade” entre os historiadores, que, em sua maioria, e com algum esforço, alcançam o limiar da década de 1960. Aqui entendo que a “novidade” está em iniciar uma pesquisa sobre o humor em nosso Tempo Presente, o que problematiza seu regime de historicidade (ou tentando deslindá-lo).

Ao retornar à instrumentalização do humor aplicado por Luis Fernando Veríssimo em seus trabalhos, destaco um personagem criado por ele que nos possibilita extravasar traumas e identificar 1) o nosso cotidiano (vivido por diferentes classes sociais) e 2) a parte considerável de nosso horizonte de expectativas ainda mais: o analista de Bagé. Criado em 1981, o fictício terapeuta publicado nos jornais logo ganhou um livro; e, na sequência, quadrinhos publicados na revista *Playboy* entre 1983 e 1992 e peças de teatro, o que notabilizou Veríssimo.

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

No livro, já com mais de cem edições, das 34 crônicas publicadas, 8 são sobre nosso analista. As demais 26 crônicas versam sobre variados temas, todos excelentes indicadores das condições de emergência do Tempo Presente brasileiro: cultura de massa, gênero, política (que inclui os cuidados de si dos diferentes sujeitos) e sociabilidades, sempre atravessadas pelo humor. Esse conjunto de valores nada ortodoxos (contrariando a ortodoxia autoinvocada pelo analista), apresenta-se como dispositivos constituidores de nosso processo civilizador<sup>xxxix</sup>, agudizado no Tempo Presente brasileiro. O humorista forma um feixe bem amarrado de minúcias de práticas culturais e sociais, (re)produzido pelos homens ordinários<sup>xl</sup>, que acabam por fornecer condições de verificarmos a densidade de nosso cotidiano. Diferentes “tipos” acabam por deitar-se no divã do analista, e em todos se fazem transparentes as violências que todos vivemos. Com a gentileza que acredita ostentar, o analista exagera seus diagnósticos ao considerar sempre o sujeito que trata como alguém capaz de obter alguma cura<sup>xli</sup>. Ainda sobre *O Analista de Bagé*, aqui destaco as contribuições de Veríssimo para com o alcance de uma narrativa com estilo humorístico conectada à tradução da cultura brasileira. Na primeira edição da *Velhinha de Taubaté*, estão publicadas novas histórias do analista de Bagé. Na crônica chamada “O depoimento do Analista de Bagé”<sup>xlii</sup> (Veríssimo, 1983, p. 18-19), o escritor realiza um autêntico glossário, traduzindo as práticas ordinárias da cultura brasileira e mantendo o patoá sul-rio-grandense. São vinte e duas palavras que formam um



HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

território da cultura brasileira. É possível encontrá-las ao usar uma expressão popular: “a cada enxadada, uma minhoca”.

Necessário ainda discorrer sobre a potência do trabalho de Luis Fernando Veríssimo na produção de narrativas históricas sobre o nosso Tempo Presente. Potencialmente, o trabalho de Veríssimo (re)produz as miudezas cotidianas por meio das crônicas que assina e são incontestáveis as contribuições dele para com a análise de nossa história cultural e nossa literatura<sup>XLIII</sup> no Tempo Presente.

Em perspectiva mais ampla, é preciso destacar as contribuições dos estudos culturais produzidos no Reino Unido. Desse modo, cito a *Estrutura de Sentimentos* elaborada por Raymond Williams<sup>XLIV</sup> e os trabalhos de Terry Eagleton<sup>XLV</sup>, que têm sido muito colaborativos para a continuidade da investigação que ainda realizo, em específico, em análises das crônicas humorísticas e das piadas elaboradas por Luis Fernando Veríssimo. Existe entre os pesquisadores do humor e entre seus produtores, como no caso de nosso autor, um certo comedimento em analisar e explicar o humor feito, a piada contada. Com a levada que é característica do humor britânico, escreve Eagleton:

Muitos estudos sobre o humor começam com a envergonhada admissão de que analisar uma piada é assassiná-la. Isso não é verdade. É fato que, se alguém quiser provocar riso, é impudente contar a piada e dissecá-la ao mesmo tempo, do mesmo modo que se diz que alguns presidentes americanos eram incapazes de caminhar enquanto mascavam chicletes. [...] Saber como uma piada funciona não necessariamente a sabota, assim como saber como um poema funciona não o arruína. Nessa e em outras questões, teoria e

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

prática ocupam esferas diferentes. O conhecimento anatômico do intestino grosso não é obstáculo ao prazer de uma refeição.<sup>XLVI</sup>

Volto, dessa forma, aos apontamentos de Elias Thomé Saliba e, com ele, enfatizo que “O humor não nos deixa chorar ou rir à vontade, porque o humorismo é, no fundo, uma ânsia de compreender”.<sup>XLVII</sup>

Nós, historiadores do Tempo Presente, que reconhecemos a pluralidade de significados que constroem sentidos para as experiências humanas, de modo geral, a partir de catástrofes, a exemplo da Segunda Guerra Mundial e da implantação da Ditadura Militar para a realidade brasileira, temos utilizado fontes que ainda são “testadas” quase diariamente. A História do Tempo Presente – construída como um conhecimento de/em fronteiras – é mesmo um campo fértil para a compreensão de linguagens, onde aplicamos o humor como meio de expressão de nossas práticas sociais e culturais. Apontarmos a produção de sentidos dos fenômenos socioculturais contemporâneos de nosso Tempo Presente, utilizando elementos teóricos e conceituais, tais como o humor, requer-nos constante diálogo com outros campos disciplinares, sem, contudo, estabelecer hierarquias valorativas entre eles. Notadamente, há a necessidade de aproximação com a linguística, a teoria literária, o jornalismo, a psicologia e a antropologia.

### **Considerações finais**

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

Vimos neste escrito um esforço a fim de investigar, no Tempo Presente brasileiro, relações entre a política e o humor nas obras de Luis Fernando Veríssimo. As violências na Ditadura Militar brasileira ocorreram de diferentes formas, por isso foram apresentadas com um toque humorístico na escrita do artista. Desse modo, indica-se que são promissores os caminhos de historiadores que se dedicam a estudar o humor nos processos de narrativas históricas, principalmente àqueles que possam colaborar para com o reconhecimento desse elemento teórico-conceitual como dispositivo de contestação e de desestabilização políticas. Além disso, ao longo do texto, expus uma pequena parte do grande número de fontes e de suportes, os quais estão presentes na obra de Veríssimo, um exímio narrador de crônicas, de tirinhas e de colunas jornalísticas, que lhe permitiram contornar a censura ao produzir sua arte com muito humor.

**Notas:**

<sup>I</sup> PLAYBOY, abril de 1989, p. 39.

<sup>II</sup> DARNTON, 1988, p. XV.

<sup>III</sup> Ginzburg explicita seu propósito ao escrever *O queijo e os vermes* a partir de um processo cuja dimensão, no primeiro momento, não havia compreendido, sua promissora microescala, e que somente após alguns anos retomou o interesse por ele. As contribuições tanto de Ginzburg quanto de Darnton aqui são apresentadas de forma complementar, ainda que, na maioria das vezes, sejam vistas como antagônicas.

<sup>IV</sup> Expressão utilizada por Luis Fernando Veríssimo em suas crônicas diárias do *Zero Hora* a partir de 1967.

<sup>V</sup> BOURDIEU, 1983. Para Bourdieu, o campo intelectual, campo de produção de bens simbólicos, dentre outros campos do espaço social, permite compreender um autor ou uma obra e, mais ainda, as formações culturais que atravessam e ultrapassam

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
 APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
 CAMPOS, E. C.

visões não relacionais (por exemplo, perspectivas que considera o autor ou a obra em si mesma) e a visão estruturalista, a qual, na maioria das vezes, considera apenas os determinantes sociais da produção.

<sup>vi</sup> SALIBA, 2017, p. 11.

<sup>vii</sup> MINTZ, 1988. Lawrence (Larry) Mintz foi professor de Estudos Americanos na Universidade de Maryland de 1969 a 2007. Escreve sobre humor e cultura popular.

<sup>viii</sup> BAKHTIN, 2010. A primeira edição original em russo foi publicada em 1965. A primeira edição no Brasil em língua portuguesa foi publicada em 1987 pela HUCITEC.

<sup>ix</sup> Para aprofundamento no tema, ver em particular o primeiro capítulo, intitulado “Rabelais e a história do riso” (BAKHTIN, 2010).

<sup>x</sup> ECO, 2012.

<sup>xi</sup> SALIBA; ALMEIDA; VIEIRA, 2021, v. 1, p. 10-11.

<sup>xii</sup> Expressão muitas vezes acionada por Veríssimo em diferentes veículos de comunicação. Entre outras ver a entrevista concedida por ele ao jornal *Zero Hora*, de 06 de junho de 2020.

<sup>xiii</sup> Atualmente participo dos dois grupos citados.

<sup>xiv</sup> ROUSSO, 2016.

<sup>xv</sup> BLOCH, 1997, p. 100.

<sup>xvi</sup> A configuração descrita ganhou mais consistência à medida que se firmou uma periodização da História a partir de um modelo quadripartite francês que se tornou referência para diferentes historiografias nacionais, a exemplo da brasileira, que mantém ainda, produtiva ou não, estreita ligação com aquela periodização francesa. Ao constituir-se como uma “cartografia” do que seria o tempo histórico universal, o quadripartismo tem óbvias implicações intelectuais e socioculturais ao firmar uma determinada ordem ocidental que se fia no progresso linear e ascendente.

<sup>xvii</sup> LE GOFF, 1990, p. 13.

<sup>xviii</sup> HARTOG, 2013, p. 37-41.

<sup>xix</sup> ROUSSO, 2016.

<sup>xx</sup> KOSELLECK, 2006, p. 307.

<sup>xxi</sup> LOHN, 2017, v. 2, p. 111.

<sup>xxii</sup> Corte de vídeo do Monark no Flow com Tabata Amaral e Kim Kataguri. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WaFBYWLHCXE> Acesso em: 4/4/2024.

<sup>xxiii</sup> VERÍSSIMO, 2011, p. 181-185.

<sup>xxiv</sup> SCLiar *apud* VERÍSSIMO, 2020, p. 7.

<sup>xxv</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO, 28 de março de 2010.

<sup>xxvi</sup> SCLiar *apud* VERÍSSIMO, 2020, p. 8.

<sup>xxvii</sup> DOSSE, 2013. François Dosse, atento ao crescente interesse pelos fenômenos singulares por parte dos historiadores, convida o leitor a refletir sobre uma nova interpretação desse conceito, o acontecimento, propondo o estudo de seu caráter enigmático e indefinido.

<sup>xxviii</sup> VERÍSSIMO, 1982.

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
 APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
 CAMPOS, E. C.

XXIX VERÍSSIMO, 1986.

XXX CERTEAU, 1994.

XXXI VERÍSSIMO, 1986, p. 10.

XXXII São poucos os estudos acerca da ideia de um Brasil Profundo. Classicamente tomo como referência as nuances discutidas por Sergio Buarque de Holanda, que não trata do termo, mas inspira sua nomenclatura, em livros como *Raízes do Brasil*, *Monções* e *Visão do Paraíso*. Mais recentemente algumas ideias aparecem publicadas em artigos, a exemplo de Oliveira, Ricardo de. *Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil Profundo*. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 511-537, 2002, ou em livros como aquele publicado em Alves, Márcio Moreira. **Histórias do Brasil Profundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

XXXIII VERÍSSIMO, 2010 [1975], p. 78.

XXXIV MAGALHÃES, 1997.

XXXV O ESTADO DE SÃO PAULO, 25 de agosto de 2010. Aqui neste artigo não é possível exibir a íntegra da coluna.

XXXVI O recente reavivar dos fascismos no Brasil e mundo afora nos mostra a lucidez colocada em forma de humor e manifesta por Luis Fernando Veríssimo no perceber nosso Tempo Presente.

XXXVII VERÍSSIMO, 2011, p. 5. Numa das inúmeras antologias feitas da obra de Luis Fernando Veríssimo, *Ironias do tempo*, de curadoria de Adriana e Isabel (VERÍSSIMO, 2018, p. 6), encontramos a seguinte afirmativa: "Outro dia foram seus pais, hoje é você, amanhã ninguém sabe, e as ironias estão soltas. Tenha um ótimo tempo pela frente."

XXXVIII MOTTA, 2009.

XXXIX ELIAS, 1994.

XL CERTEAU, 1994.

XLI Para não extraviar o raciocínio sobre o analista, esta nota indica a necessidade de metodologicamente considerar as importantes contribuições de Peter Gay, historiador germano-americano pouco estudado no Brasil, em particular seus trabalhos que tratam da experiência burguesa desde a rainha Vitória até Freud, e ainda os próprios estudos de Gay sobre Freud.

XLII VERÍSSIMO, 1983, p. 18-19.

XLIII São inúmeros os trabalhos que abordam a obra de Luis Fernando Verissimo enquanto literato. Aqui destaco três deles: *Língua e Estilo: ironia e humor nas crônicas de Luis Fernando Veríssimo* (Borges, 2002); *O difícil disfarce da dor: humor e memória do terror em Luis Fernando Veríssimo* (Costa, 2021); e *Mosaicos da memória: estudo da crônica humorística de Luis Fernando Veríssimo* (Antonio, 2006).

XLIV WILLIAMS, 1992.

XLV EAGLETON, 2019.

XLVI EAGLETON, 2019, p. 9.

XLVII SALIBA, 2017, p. 1.

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

### Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. 7. edição. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BLOCH, Marc Léopold Benjamin. **Introdução à história**. Ed. rev. aum. e crit. Mem Martins: Europa-América, 1997. 288 p.

BORGES, Roberto Carlos da Silva. **Língua e estilo**: humor e ironia nas crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Rio de Janeiro: Velocípede, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Folios, 1983.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano (artes de fazer)**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. Tradução de Sonia Coutinho; Revisão técnica de Ciro Flamarion Cardoso. 2. Ed. Rio de Janeiro: Gral, 1988.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. São Paulo: Ed. da UNESP, 2013. 361p.

EAGLETON, Terry. **Humour**. London: Yale University Press, 2019.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas De Andrade. Edição revista. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. vs. 1 e 2.

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

GAY, Peter. **Modernismo**: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Tradução de Andrea Souza de Menezes. São Paulo: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC/Rio: 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LOHN, Reinaldo Lindolfo; CAMPOS, Emerson Cesar de. Tempo Presente: entre operações e tramas. **História da Historiografia**, v. 2, p. 97-113, 2017.

MAGALHAES, Marionilde Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos de Estado à época da Ditadura Militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 203-220, 1997.

MINTZ, Lawrence E. **Humor in America**: a research guide to genres and topics. Westport: Greenwood Publishing Group, 1988.

MOTTA, R. P. S. **Culturas Políticas na História**: Novos Estudos. 1. ed. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. v. 1. 230p .

O ESTADO DE SÃO PAULO. Coluna Luis Fernando Veríssimo. 28/03/2010.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Coluna Luis Fernando Veríssimo. 25/08/2010.

PLAYBOY. Entrevista Jarbas Gonçalves Passarinho. Abril 1989. p. 39.

HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente, o contemporâneo. Tradução de Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2016.

SALIBA, Elias Thomé. História Cultural do Humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. **Revista de História**, n. 176, a01017, p. 01-39, 2017.

SALIBA, E. T.; ALMEIDA, L. A.; VIEIRA, T. L. (Org.). **Além do Riso**: reflexões sobre o humor em toda parte. 1. ed. São Paulo: LiberArs/UFMT/CAPES, 2021. v. 1. 272p.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O Analista de Bagé**. Porto Alegre: L&PM, 1982.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **A Velhinha de Taubaté**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 1983.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **A Velhinha de Taubaté**. 8. ed. Porto Alegre: L&PM, 1986.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **América**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **As melhores do Analista de Bagé**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O Humor da Playboy**. São Paulo: Ed. Abril, 2009.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **As cobras**. Objetiva, 2010.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Em algum lugar do paraíso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.



HUMOR NO TEMPO PRESENTE BRASILEIRO:  
APONTAMENTOS A PARTIR DA OBRA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO  
CAMPOS, E. C.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Ironias do Tempo**. Organização Adriana Falcão e Isabel Falcão. 1a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Veríssimo antológico**: Meio século de crônicas, ou coisa parecida. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lolio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e terra, 1992.